

Nesse número, a *Diaphonia* publica uma entrevista inédita realizada por Fernando Paulo de Almeida Monteiro dos Santos, de Belo Horizonte, em 2015, com o Doutor Ernildo Jacob Stein, primeiro professor visitante do PET/Filosofia da UNIOESTE, em 1992. Na *Entrevista*, Stein ensaia um breve balanço sobre questões de antropologia (temática especialmente cara a ele) tanto do ponto de vista de sua obra quanto da perspectiva de Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), pensador de inspiração católica que realizara uma produção significativa no âmbito da antropologia filosófica, além de ser o responsável pela recepção de Hegel no Brasil. A *Diaphonia* agradece, desde já, ao professor Stein pela generosa acolhida a esse projeto e, especialmente, pela partilha desse importante registro.

FPAMS [Fernando Paulo de Almeida Monteiro dos Santos]

ES [Ernildo J. Stein]

FPAMS¹ - Como o senhor conheceu o Padre Vaz e como era o seu relacionamento para com ele?

ES¹ – Conheci Lima Vaz no começo dos anos 60. Em 68, enviei-lhe minha tese de Livre Docência e ele me respondeu com comentários positivos. Junto com uma carta me enviou um fascículo de suas aulas de antropologia. Depois da defesa da tese fizemos sessões de seminário em minha casa. Foram meio clandestinas, mas acabaram sendo interrompidas por prudência. Cassado em 1969, fui lecionar na Alemanha com minha família.

FPAMS² – Em sua opinião, quais as principais contribuições e limitações da Antropologia de Lima Vaz para a compreensão do ser humano?

ES² – A Antropologia Filosófica de Lima Vaz foi e é a grande obra na área. Para ser breve, digo que foi construída num quadro basicamente hegeliano e, é claro, com um pano de fundo de conhecimento geral de filosofia que somente ele possuía. Aprende-se muito com o livro, mas minha visão de antropologia filosófica exige que se parta de um modo mais complexo e integrador dos três setores: antropologia filosófica, cultural e física. Foi o esforço que fiz com minha antropologia. Não existe o homem hegeliano. Não devemos impor um filósofo, ainda que possamos trabalhar com um quadro teórico marcado por elementos bons de um paradigma. Acho que encontrei este caminho. Mas só fiz um esboço com núcleos centrais, depois de várias tentativas. Defendo ainda minha posição em confronto com o ponto de partida de Lima Vaz que trabalha com um modelo clássico superado.

FPAMS³ – O senhor afirma que os autores que observaram o cenário do surgimento da Nova Antropologia filosófica não foram capazes de separar as suas conquistas e inovações de sua concepção cristã e que entre os teólogos cristãos

existe uma exigência crescente por uma matriz de inteligibilidade que se desenvolva na Filosofia para oferecer à Teologia uma estrutura conceitual sólida. O senhor acredita que Lima Vaz esteja incluído nesse cenário?

ES³ – Penso que há um excesso de problemas na sua questão. Não se pode enxertar uma Antropologia Filosófica em cima de uma teologia cristã. Aproximar uma visão filosófica do ser humano da teologia cristã terá várias respostas, assim penso. Hoje há uma demasiada pressa em seguir caminhos e a maioria deles vem com tais teimosias que já mostram um enfoque polêmico. Fiquei, por exemplo, fascinado com a antropologia filosófica que atravessa a teologia de K. Rahner e acabo de ler uma crítica dura de Bento XVI ao "cristão anônimo" do teólogo. Por mais propostas que haja, K. Rahner dá sinais de notáveis aproximações entre antropologia e teologia. Aliás, Lima Vaz, num dos últimos grandes artigos seus –

“Esquecimento e memória do ser: sobre o futuro da metafísica” – dá certas pistas de aproximação entre Antropologia Filosófica e ontologia teológica. Ainda que sejam acentuadas as dimensões parmenídica e tomásica, Heidegger está muito presente e Hegel está ausente. A posição de Lima Vaz aí é notável.

FPAMS⁴ – Por que a possibilidade de uma antropologia de caráter metafísico ou ontológico parece estar tão distante da construção uma Antropologia Filosófica nos nossos dias?

ES⁴ – Não tenho dúvidas sobre o problema. Estou muito ocupado com isso. Mas não podemos enxertar a metafísica numa Antropologia Filosófica simplesmente. A fenomenologia hermenêutica de Heidegger olha a metafísica numa direção importante. Mas só dá sinais. O admirável esforço do Lorenz Bruno Puntel de construir uma teoria estrutural-sistemática na sua metafísica, faz surgir no final, o Ser como tal e em seu todo; então, surge um Deus que leva à criação, mas tudo está muito distante da Teologia e da Antropologia Filosófica.

FPAMS⁵ – Com base no que o senhor conhece sobre a Antropologia de Lima Vaz, o senhor acha possível enquadrar o evolucionismo dentro do seu sistema antropológico?

ES⁵ – O tipo de Antropologia como a de Lima Vaz de modo algum é capaz de incorporar a hipótese evolucionista. Na minha Antropologia, há um esforço que me parece fazer sentido. E também no meu livro *Às voltas com a metafísica e a fenomenologia* (Unijuí, 2014, 200p) dou algumas pistas. Abordo esta questão nos capítulos 16 a 25 da *Antropologia Filosófica*. Sigo em seu sentido a passagem de Plantinga: “Há um superficial conflito, mas uma profunda concordância entre ciência e religião teística, porém superficial concordância e profundo conflito entre ciência e naturalismo”.

FPAMS⁶ – Vaz afirma que, apesar de elaborar um sistema antropológico, esse sistema não está fechado. O senhor concorda com essa afirmação?

ES⁶ – Não faz muito sentido falar em sistema aberto ou fechado. A Antropologia Filosófica será sempre um caminho... Nunca um sistema. Não de modo explícito, mas em todo o esforço dou algumas pistas interessantes na minha Antropologia. Longe, portanto, de mim de me sentar sobre uma resposta seja ela aberta ou fechada.

FPAMS⁷ – Como o senhor compreende o fenômeno da transcendência humana?

ES⁷ – Vejo a transcendência humana já sempre presente numa verdadeira antropologia. Digo na minha Antropologia: “o paradoxo do surgimento de um ente como o ser humano não pode ser resolvido mediante a resposta única que oferece o conhecimento científico, pois com tal resposta estaremos sempre num terreno de hipóteses unívocas. O ser humano, no entanto, é o único ente na escala da evolução biológica que somente pode ser pensado a partir de uma diferença. E esta diferença é que se dá entre o fato de ser tal ente e o compreender-se como um ser que já sempre se antecipou às suas condições materiais, unindo pela auto compreensão a materialidade neurobiológica com o pensamento e a consciência”. Aqui, podemos descobrir a transcendência humana.

FPAMS⁸ – Para o senhor, nós nunca encontraremos uma união entre mente e cérebro nem daremos conta disso através de processos ontológicos. O senhor não acredita que o conceito de suprassunção de Lima Vaz tenha dado conta dessa questão?

ES⁸ – A citação acima já é uma resposta. Não costuramos o ontológico sobre o empírico. Já sempre o antecipamos. Cabe a nós dar forma ele. Mas não com a ontologia de um único autor.

FPAMS⁹ – Como salvaguardar a dignidade humana a partir da sua antropologia?

ES⁹ – A minha antropologia tem como intenção básica resgatar esta dignidade. Qualquer antropologia filosófica que se diga filosófica e dependa apenas do biológico ou do behaviorismo reduz a ser humano à pura matéria.

FPAMS¹⁰ – É possível pensar um relacionamento entre o homem e Deus na Antropologia Filosófica proposta pelo senhor?

ES¹⁰ – Espero que sim.